

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 26 DE OUTUBRO DE 1995

*Senhor Vice-Presidente da República, Dr. Marco Maciel; Senhor Ministro do Trabalho, Paulo Paiva; Senhor Presidente da Confederação Nacional da Indústria, Senador Fernando Bezerra; Senhores Presidentes das Federações Regionais, Estaduais das Indústrias, que aqui se encontram; Senhor Antônio Eduardo Ramos, que é o Operário Brasil; Senhores finalistas, eleitos no concurso de Operário Brasil 95; Senhoras e Senhores,*

É uma alegria especial, nesta manhã, eu poder estar aqui para cumprimentá-los. Há muitas razões para isso. Creio que tanto o Presidente da Confederação Nacional da Indústria quanto o Ministro do Trabalho expressaram o significado desse prêmio.

Quero lhes dizer que o desempenho dos senhores nos seus postos de trabalho, nas suas funções é fundamental para que o Brasil continue seguindo adiante.

Tenho-me referido, muitas vezes, ao fato de que foi possível transformar para melhor o desempenho da economia e da sociedade brasileira porque as empresas brasileiras se modernizaram. O número de certificados ISO-9000 – que é um certificado de qualidade – é extraordinaria-

mente elevado no Brasil. Estamos, eu creio, com mais de 600, e o objetivo é chegarmos a 1.000 em muito pouco tempo. E isso, em comparação com o desempenho – sem citar nenhum país – de países não só da América Latina, como pelo mundo afora, é um desempenho excepcional.

Por trás desse desempenho estão os senhores, porque, quando se fala em qualidade, quando se fala em aumento de produtividade, existe a máquina, existe a gerência, existe o trabalhador. É um conjunto.

Creio que o Ministro Paulo Paiva foi muito feliz e muito rico nas suas explanações, hoje, aqui. Isso constitui, verdadeiramente, uma espécie de diretriz do Governo. O que disse o Ministro Paulo Paiva é o que o Governo pensa. E nós todos percebemos que, hoje, o grande desafio da modernização é o conhecimento, é o desempenho e é a preocupação, no sentido de que esse aumento enorme de produtividade não signifique, também, o aumento da exclusão, senão de que seja um cuidado permanente, para que possamos retreinar, para que possamos reorientar a mão-de-obra, para que possamos encontrar uma guarida, no mundo que se está construindo, para o conjunto da população, e não só para um grupo pequeno.

Mas não tenhamos ilusões. A História, muitas vezes, é cruel. Já houve uma transformação grande no modo de produzir, em nível internacional. E, hoje, nós não temos alternativa, a não ser competir e ganhar na produtividade, no conhecimento, na tecnologia. E esse processo, que é inevitável, pode, também, ter conseqüências que não são as desejáveis, se não houver uma vontade coletiva, política e social, de fazer com que haja movimentos que permitam a integração crescente das populações nessa nova maneira de produzir. E os senhores são o exemplo vivo disso.

Alegro-me, muito especialmente, quando sei que aqui há pessoas que passaram por escolas técnicas. Um dos primeiros trabalhos que fiz como sociólogo, já há mais de 40 anos – não vou nem dizer quantos – foi a respeito do Senai. Foi uma pesquisa feita por um então vivo e muito influente sociólogo chamado Guerreiro Ramos. E a questão que se colocava era de qual era o desempenho do ensino técnico e a evasão escolar.

Os que são paulistas, como o Carlos Eduardo, o Serra, que aqui está, o Clóvis, vão se lembrar, sabem o que eu vou dizer – o Serra, especial-

mente. Naquele tempo, eu fazia pesquisa na Vila Prudente, do Belenzinho, e na Mooca. A Vila Prudente era quase nada. Era um barreiro danado. A Mooca já era um pouquinho mais integrada. E, ali, tínhamos que ir, de casa em casa, nas casas onde havia alunos do Senai. E via-se, nas casas, muitas vezes, pobres, uma vontade tremenda daquela criança, daquele jovem de melhorar seu treinamento. E havia alguns que saíam da escola. E esta era a preocupação da pesquisa: por que estavam saindo da escola?

Desde aquele momento, aprendi a respeitar a formação profissional, a escola que estava sendo implantada, o enorme esforço do Senai nessa matéria. São Paulo já era uma cidade industrializada. No fim dos anos 40, começo dos anos 50, não era o que é hoje, mas via-se, ali, o desafio sendo vencido.

Hoje, nós vencemos esse desafio. Os senhores venceram esse desafio. Mas quem vence um desafio nunca cruza os braços, porque tem outros maiores pela frente, e mantém esse ânimo, essa vontade efetiva de continuar nesse caminho das transformações, aumentando o grau de conhecimento e, sobretudo, transformando esse conhecimento em alguma coisa viva. Nessa mesma época a que me refiro, havia um programa de treinamento dentro da empresa, e já se sabia perfeitamente que o ensino formal não era suficiente para criar o bom empregado, o bom trabalhador, que havia que ter uma coisa muito viva, que tinha que ser a transformação que se faz dentro da empresa. Não há conhecimento tecnológico que seja conhecimento meramente retórico, meramente livresco, meramente verbal.

Hoje, o conhecimento, não alguma coisa de um professor que ensina um aluno, é um processo. E os senhores são parte desse processo e demonstraram agora, nesse concurso, as suas realizações individuais, o quanto se pode acrescentar, o quanto se pode criar, ter capacidade de inventiva na hora em que se está trabalhando. Porque, vindo o trabalho, vê-se melhor os problemas, criam-se melhores condições de produção, de bem-estar, de conforto e de segurança, que é um tema muito importante.

De modo que eu os felicito, assim, vivamente, e a felicitação é não só do Presidente da República, mas do cidadão que sabe das coisas do Brasil.

Uma das vantagens de a gente ir envelhecendo, quando não se perde o tempo, é que se sabe mais coisas sobre muitos setores da vida, sobre muitos setores da sociedade. Fiquei muito contente de vê-los aqui, recebendo esse prêmio, e também das diretrizes do Ministro Paulo Paiva – ali há todo um programa do que o Governo pensa, como ele vai atuar nessa questão da chamada modernização das relações de trabalho, na questão da participação nos lucros, nos resultados das empresas, projeto que originariamente é meu, do Senador Marco Maciel e do Senador Lobão e que hoje está aí a ponto de ser aprovado, que precisa ser aprovado, mas como um instrumento de flexibilidade, e não como um instrumento burocrático para que todo mundo, de repente, por uma medida qualquer, aumente o salário. Não. É algo como ter que pagar salário condigno para todos. Tem que haver um estímulo para aqueles que se dedicam mais, que produzem mais, e esse estímulo é diferencial, não pode ser uma coisa homogênea, porque isso não leva precisamente a incentivar maior criatividade.

Então, o projeto está pronto, é só melhorá-lo nessa direção, para tirar as peias burocráticas, que não vão adiantar e não vão resultar em benefício do trabalhador, vão resultar em benefício talvez de algum segmento burocrático num sindicato, o que não interessa a ninguém.

O mundo novo é um mundo diferente desse mundo que alguns ainda pensam que é de vanguarda, mas que não é mais; que é um mundo que hoje já está – digamos – mostrando as suas debilidades, as suas fraquezas, que está puro osso ou quase o osso, não tem mais carne, não tem mais sangue, não tem mais vitalidade.

Vamos ter que partir para essas renovações. Vamos ter que partir para o treinamento. O Ministro Serra, na questão do FAT, na Constituinte, lutou para que houvesse o recurso para o salário-desemprego e também para o treinamento. E hoje estou vendo, porque tenho acompanhado, o enorme esforço que estamos fazendo de treinamento, de retreinamento. Porque não se pode simplesmente desempregar e deixar a pessoa recebendo uma pensão. Ninguém quer ficar desempregado, todo mundo quer ter emprego. Então, não só temos que criar atividades econômicas, como temos que criar condições para a pessoa encon-

trar ocupação, para a pessoa se adaptar a um mundo que, cada vez mais, é um mundo tecnológico, em que a informática avança e em que, como disse o Ministro, as linhas antigas, que trabalham quase que automáticas, o mecânico, vão desaparecer.

Eu vi na Alemanha, há mais de um mês, as novas maneiras de produzir em algumas empresas da indústria automobilística. Então, é uma longa revolução que vem por aí. Que ninguém se iluda, não dá para dizer: “Cruzamos os braços, não quero entrar nela.” Ou entra ou desaparece. Vai ter que entrar, e, para entrar, tem que ter de novo o que vocês representam: trabalho, conhecimento, organização, preocupação com o dia de amanhã.

Por todas essas razões, tive muita alegria, neste primeiro ato, aqui, em que o novo Presidente da Confederação Nacional da Indústria participa. Ele fez um discurso extraordinário outro dia, quando eu até disse a ele que ainda bem que eu não tinha levado o meu por escrito, iam pensar que era plágio do dele, porque ele está afinado, precisamente, com esse mesmo pensamento, um pensamento de vanguarda, um pensamento renovador.

Por todas as razões, eu lhes agradeço muito a presença e, em nome do Brasil, agradeço o desempenho de vocês todos.

Muito obrigado.

